

OPORTUNIDADES PERDIDAS: ANÁLISE DA CAMPANHA ALEMÃ NA UNIÃO SOVIÉTICA EM 1941, A PARTIR DA TEORIA DE CLAUSEWITZ

João Rafael Gualberto de Souza Morais¹

Resumo:

Este trabalho tem como proposta analisar a campanha alemã na União Soviética em 1941 a partir de aspectos da teoria do general e filósofo prussiano Carl von Clausewitz, com enfoque nas razões alemãs para atacar e nos equívocos cometidos na definição dos objetivos da campanha, isto é: na decisão de Hitler de atrasar a tomada de Moscou em proveito de objetivos secundários, então por ele elevados à primeira necessidade. O trabalho procurará defender, em primeiro lugar, que a decisão de atacar a Rússia teve fundamentação estratégica e, depois, a partir do paradigma teórico clausewitziano, procurará expor e analisar as falhas da operação, que condenaram o Exército Alemão à sua primeira derrota, às portas de Moscou. A decisão de preterir Moscou em benefício de outros objetivos acabou sendo crucial para a derrota, e foi consequência de uma falha de percepção estratégica da parte de Hitler, que, por fim, definiu o ponto de inflexão da guerra.

Palavras-chave: Operação *Barbarossa*; Decisões estratégicas; Clausewitz.

¹ Graduado em História pela Universidade Federal Fluminense. Mestre em Estudos Estratégicos pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Estratégicos da Defesa e da Segurança - PPGEST-UFF. Doutorando em Ciência Política pelo Instituto de Estudos Sociais e Políticos - IESP-UERJ. Bolsista Capes.

Abstract:

This paper aims to analyze the German campaign in the Soviet Union in 1941 based on aspects of general and philosopher Carl von Clausewitz's theory, focusing on German reasons to attack and on the mistakes made on the definition of the objectives of the campaign, that is: in Hitler's decision to delay the taking of Moscow in favor of secondary goals, elevated by him as priorities. The work will seek to defend, first, that the decision to attack Russia had strategic reasons, and then, from the clausewitzian theoretical paradigm, seek to expose and analyze the failure of the operation, who condemned the German Army to its first defeat at the gates of Moscow. The decision to omit Moscow for the benefit of other goals ended up being crucial for the defeat, and was a result of a fail of strategic perception by Hitler, which, at the end, defined the turning point of the war.

Key-words: Operation *Barbarossa*; Strategic decisions; Clausewitz.

1 INTRODUÇÃO

A despeito da polêmica em torno da decisão de Hitler de atacar a União Soviética no verão de 1941 – decisão habitualmente tratada pela historiografia como precipitada e equivocada, criticada por abrir uma segunda frente na guerra –, a operação desfechada no dia 22 de junho daquele ano não constitui, em si, uma aposta equivocada. À luz da visão retrospectiva, o empreendimento titânico iniciado por Hitler naquele dia de solstício pode parecer obra de pura loucura. No entanto, será aqui defendido o argumento de que a *Wehrmacht* tinha chances de derrotar o Exército Vermelho naquele ano, em função de razões que serão expostas neste artigo. Tentarei demonstrar que o verdadeiro equívoco de Hitler foi, na verdade, a decisão de retardar a ofensiva contra Moscou, em julho, a fim de fortalecer os ataques nos setores norte e sul da frente, o que, por fim, teve um preço elevado, ao desperdiçar a melhor chance das forças alemãs na guerra.

O trabalho está organizado em quatro partes fundamentais: uma breve exposição de alguns conceitos basilares da obra de Carl von Clausewitz, que, embora estivessem presentes na mentalidade dos comandantes alemães, não estiveram no centro das formulações estratégicas de Hitler durante a campanha da URSS, e que, por isso, serão muito úteis para a análise crítica da campanha; um breve panorama da situação estratégica enfrentada pela Alemanha no início do fatídico ano de 1941; uma terceira parte dedicada à campanha, com brevidade propedêutica, da sua formulação à execução em meio às complexidades da guerra na Rússia, expondo os conflitos entre a visão do OKH (Alto-Comando do Exército, que, grosso modo, representava a opinião dos generais alemães) e o OKW (Alto-Comando das Forças Armadas alemãs, chefiado por Hitler), com a vitória da decisão de Hitler de priorizar os recursos da Ucrânia em detrimento de Moscou. A penúltima parte dedica-se a uma análise das decisões tomadas por Hitler durante a campanha, fundamentada na premissa de que houve um equívoco de percepção estratégica quanto ao objetivo central da campanha; ao final, o artigo tece algumas considerações finais e uma conclusão.

2 REVISITANDO CLAUSEWITZ

Muito influente entre os generais alemães em ação durante a Segunda Guerra Mundial, o general e filósofo prussiano Carl von Clausewitz é autor de uma das obras mais importantes da história do pensamento militar. Sua teoria possui muitos modelos aplicáveis a condições inúmeras, em conflitos de muitos matizes e momentos históricos distintos. No caso específico da Segunda Guerra Mundial, suas teorias ganham muita nitidez na campanha da Rússia, onde os alemães se depararam com muitas circunstâncias e problemas previstos nos escritos que compõem *Da Guerra*. Por isso, cumpre analisar aqui os aspectos mais basilares da teoria clausewitziana para uma análise daquela campanha, onde, segundo a hipótese defendida neste trabalho, a Segunda Guerra Mundial encontrou o seu ponto de inflexão.

2.1 Quando a teoria decanta

A campanha alemã na União Soviética em 1941 pode ser considerada como uma ilustração de alguns dos mais importantes conceitos formulados por Clausewitz em sua obra. As polaridades e outros conceitos tão elementares à compreensão da guerra segundo o viés clausewitziano aparecem de forma quase ideal na fricção enfrentada pelas forças alemãs em meio às terríveis condições logísticas; na inversão do moral entre atacantes e defensores; no antagonismo entre a busca pela batalha decisiva, essencial ao atacante, e o valor de se evitá-la para o defensor que goza de condições logísticas para tanto (caso da Rússia, que o próprio Clausewitz observou de perto em 1812); e o conceito de “ponto culminante do ataque” e sua implicação para a defesa, com o consequente e poderoso momento de sua transformação em ataque (a contra-ofensiva) no momento derradeiro da campanha. Tais conceitos foram formulados no calor da experiência do general prussiano com as guerras napoleônicas e são excelentes instrumentos analíticos para o objeto desse trabalho.

2.2 A “fricção”

A guerra jamais se porta na prática como idealizada e formulada por líderes políticos e generais. Dessa idéia, fruto da dialética entre a metafísica e a empiria, Clausewitz desenvolveu um conceito claro, preciso, percebido por militares ao longo da história, mas carente de uma reflexão e definição até o lançamento de *Da Guerra: a “fricção”*. Entre o ideal e o real há muitas contingências e acasos que distorcem as concepções minuciosamente traçadas nos planos e cartas de operações. Fatores naturais, dissensões internas, problemas materiais e, claro, a vontade do inimigo, constituem alguns exemplos de “fricção” (CLAUSEWITZ, 2010).

No contexto da campanha de 1941, exemplos diversos de fricção podem ser citados: as chuvas da *rasputitsia* (a estação das chuvas de outono, terríveis para a mobilidade das tropas), o temido inverno russo, as enormes distâncias, impondo desafios logísticos monumentais, dentre outros, que serão mais aprofundadamente analisados em seções posteriores do artigo.

2.3 Ataque X defesa: a busca e a fuga da batalha decisiva

As guerras napoleônicas tiveram importância central na obra de Clausewitz. Das experiências históricas em Jena e Auerstedt, por exemplo, Clausewitz extraiu a inspiração para os seguintes conceitos, de importância fulcral em sua obra: o uso da violência sem constrangimentos e a busca pela batalha decisiva, ou seja, o uso de forças concentradas contra o centro de gravidade do inimigo, recurso básico da estratégia napoleônica. Ele irá defender a primazia do combate, pois combater é a essência da guerra e a batalha decisiva deve ser sempre considerada o seu verdadeiro objetivo (CLAUSEWITZ, In: HERBERG-ROTHER, 2007).

A campanha napoleônica contra Moscou (1812), entretanto, momento decisivo para o declínio do imperador da França, pontua mudanças fundamentais no pensamento estratégico do autor prussiano. Ele observa a superioridade da defesa em relação ao ataque: a força com propósito defensivo tem apenas que manter a situação para vencer a guerra; a força com propósito ofensivo é que tem a responsabilidade de alterar a realidade. A defesa de uma posição conta, assim, com a vantagem da própria inércia. Em outras palavras, uma força para atacar uma posição deve, necessariamente, ser maior do que a força necessária para defender a mesma posição. Se houver equilíbrio de forças a defesa tende a prevalecer, uma vez que o defensor geralmente tem a vantagem de conhecer o terreno, de poder prepará-lo, de contar com o favor da população, da proximidade às bases e, portanto, de linhas de comunicações mais curtas.

Mas, como bem percebeu Clausewitz, a guerra não está sujeita unicamente às condições físicas e materiais. Por “força” não se deve entender apenas os recursos à disposição de ambos os lados. Os fatores psicológicos dos soldados e comandantes são elementos vitais nesta “equação”.

Ele concluiu, por fim, o valor estratégico de se evitar a batalha decisiva, ao constatar o desgaste e a ruína imputados ao exército de Napoleão pela estratégia russa, baseada em evitar o engajamento.

No entanto, a lição mais importante pode ser considerada a percepção de limites imanentes do que pode ser conquistado pela ação militar, sugerindo a primazia dos objetivos políticos aos militares. Por objetivo político, entende-se, em última instância, destruir a capacidade de resistência do inimigo. Sem a conclusão desse objetivo, qualquer ganho é limitado e inconsistente, pois pode ser reconquistado pelo adversário.

2.4 O “ponto culminante do ataque”

Clausewitz desenvolveu, a partir dos conceitos anteriores, a teoria do “ponto culminante do ataque”. Segundo ela, todo ataque tem um ponto máximo, a partir do qual regride e obriga o atacante a passar à defensiva. A partir daí, a transição da defesa adversária para o ataque é algo poderoso, sendo o momento mais intenso possível em uma batalha. Cada defensor anseia por este momento e empreende o máximo esforço em busca disso (CLAUSEWITZ, 2010).

O ataque é enfraquecido por inúmeros fatores de desgaste; defecção de aliados, extensão de linhas de comunicação e suprimentos, baixas, desgaste nos equipamentos, perda de material, etc. É o conceito inerente ao ataque e à defesa (propósitos positivo e negativo) que Clausewitz valoriza no modelo de antítese. Assim, a referência do ataque é vencer e a da defesa é a preservação. A antítese está no propósito.

3 POR QUE ATACAR A UNIÃO SOVIÉTICA?

Definidos os parâmetros estratégicos conceituais que servirão de orientação para a análise da campanha alemã de 1941, resta compreender as razões de Hitler para atacar.

3.1 O panorama estratégico da Alemanha em 1941

“Quaisquer que fossem os motivos de Hitler para atacar a Rússia em junho de 1941, um era predominante: a certeza de que seria muito fácil a tarefa” (KEEGAN, 1974, p.9).

Ainda hoje se discute o que teria levado à decisão de Hitler de atacar a URSS. Segundo o historiador estadunidense John Lukacs, Hitler tinha bons motivos: “Havia método, não loucura, em seu raciocínio” (LUKACS, 2006, p. 29).

Em junho de 1941, Hitler controlava praticamente toda a Europa. Ele havia dobrado todos os seus adversários, à exceção da Inglaterra, que resistia obstinadamente sob a liderança do Primeiro Ministro Winston Churchill, que assumira o cargo em 10 de maio de 1940, mesmo dia do lançamento de uma das operações militares mais emblemáticas de todos os tempos, que culminou com a derrota da França em seis semanas diante do ataque alemão.

Protegida por sua posição insular, a Inglaterra posicionou-se, ao longo de sua história enquanto potência, como a protetora do equilíbrio europeu e sua política sempre teve na manutenção desse *status quo* o seu norte. Em outras palavras, ela representou o importante papel de “fiel da balança”, fundamentalmente preocupada em evitar a qualquer custo a hegemonia de uma potência no continente.

Ao longo do século XIX, enquanto maior império da história (onde o sol jamais se punha), a Inglaterra travou uma guerra quase total contra a França napoleônica e suas pretensões na Europa, e contra o Império Russo e sua política de expansão pelo Oriente próximo. Diante desse panorama, a política britânica logrou manter o equilíbrio no continente, pelo menos até a Primeira Guerra Mundial, quando a hecatombe em torno da ascensão da Alemanha pôs um século de diplomacia britânica diante de seu maior desafio, do qual a Inglaterra, ao final, conseguiria sobreviver somente à custa de seu império.

Em 1940 este desafio atingiu o seu auge. O país encontrava-se completamente isolado, diante de uma Europa repleta de suásticas sustentadas por uma força militar que o Exército britânico não podia alimentar pretensões de derrotar. Não obstante a precariedade de sua situação estratégica nesse momento (um dos mais dramáticos da história ocidental, pelo menos desde a Revolução Francesa), protegida pelo Canal da Mancha, a Inglaterra desafiou os planos alemães pela segunda vez em meio século. Renovados moralmente, após a tragédia de maio-junho de 1940, pela liderança do Primeiro Ministro Winston Churchill e pelas esperanças depositadas em dois gigantes ainda ausentes da batalha, os ingleses se tornaram um obstáculo aparentemente pequeno, mas intransponível para as pretensões alemãs.

Diante dessa situação, Hitler raciocinou com ousadia: decidiu destruir a URSS e, assim, eliminar o último integrante de um sistema de equilíbrio de poder que por muito tempo esteve determinado a conter a expansão alemã e ainda alimentava forças na determinação britânica em lutar. Após a eliminação da URSS, a derrota inglesa seria um fato consumado, pensava Hitler, antes que os EUA (o outro gigante “adormecido”) pudesse se mobilizar (militar e politicamente) para o combate.

Em uma conferência em Berghof, em julho de 1940, Hitler anunciou aos seus generais sua decisão de atacar a URSS. Segundo as anotações do então Chefe de Estado-Maior do Exército, General Franz Halder, Hitler disse:

A Grã-Bretanha deposita suas esperanças na Rússia e na América. Se as esperanças que ela deposita na Rússia forem destruídas, dar-se-á o mesmo com relação à América, porquanto a eliminação da Rússia aumentará o poderio do Japão no extremo oriente (SHIRER, 1962, p. 264).

Seis meses depois, na conferência de três de janeiro, Hitler disse: "Senhora das riquezas incomensuráveis da Rússia, a Alemanha terá todas as facilidades para conduzir uma *guerra intercontinental* e ninguém mais poderá vencê-la." (Idem. Grifo meu). Fica claro, a partir dessa colocação, que Hitler considerava o antagonismo americano como fato consumado e entendia a conquista da Rússia como única forma de assegurar a posição alemã no continente.

Para além das estruturas que condicionavam as ações alemãs, como exposto acima, deve-se salientar outra importante questão: é provável que o Exército alemão detivesse, em 1941, condições de derrotar o Exército Vermelho, apesar da enormidade da tarefa. O desenrolar dos próprios eventos da campanha em 1941 podem ser considerados como evidências dessa capacidade, que, como bem sabia Hitler, seria reduzida com o passar do tempo, uma vez que as forças de Stálin se recuperavam dos expurgos e se preparavam para a guerra. O relógio corria contra a Alemanha.

Uma análise das forças soviéticas nos anos 1940/41 ajuda a elucidar a questão. Pois, embora fosse do conhecimento do mundo, inclusive de Hitler e dos generais alemães, que a URSS possuía o maior poderio terrestre àquela época, os expurgos perpetrados por Stálin em seu exército durante a década de trinta, juntamente com a fraqueza demonstrada contra a Finlândia no inverno de 1939/40, convenceram a maioria dos observadores da época da fragilidade por trás da aparente força militar russa. "O Exército Russo é um colosso de argila sem comando", declarou Hitler na conferência de três de janeiro de 1941 (BRISSAUD, 1978, p. 355). Além disso, as

lembranças do péssimo desempenho russo durante a Primeira Guerra parecem ter influenciado o Estado-Maior alemão ao otimismo. Tannenberg e outras batalhas daquele conflito inspiraram a crença na lentidão e incompetência do Alto-Comando russo. Quanto às razões de Hitler, o General Alfred Jodl, Chefe de Operações do OKW², afirmou após a guerra:

Em minha presença o *Führer* jamais fez a menor referência a qualquer razão que não fosse de ordem estratégica. Incansavelmente [...] declarou e repetiu: 'Não há dúvida alguma de que a Inglaterra deposita suas esperanças em um conflito no continente, porque, caso contrário, já teria abandonado a guerra, desde Dunquerque. Certamente já se concluíram acordos por trás dos panos. *Os preparativos russos são certos*, e um dia tentar-se-á súbita e friamente, fazer-nos abrir o bico no plano político, ou então nos atacarão'. O reforço militar dos russos era evidente [segundo Hitler]. Pela Abwehr³, tínhamos mais ou menos, a seguinte imagem: no verão de 1940 havia perto de 100 divisões russas na fronteira; em janeiro de 1941, já havia 150... (GOLDENSOHN, 2004, p. 180. Grifos no original).

Ademais, enquanto a resistência inglesa se tornava um problema cada vez mais agudo, as "chantagens" de Stálin por territórios na Europa Oriental, como colocou Whillian L. Shirer (1962), irritavam o líder nazista. Os russos aproveitavam-se dos problemas alemães com o *Front* Ocidental para expandirem suas fronteiras mediante pressões diplomáticas. Aí se encontra, certamente, um dos fatores determinantes para a pressa de Hitler em atacar.

² *Oberkommando der Wehrmacht*, Alto-Comando das Forças Armadas alemãs.

³ Serviço de informações militares. Seu nome completo era *Amt Ausland / Abwehr im Oberkommando der Wehrmacht*, "Escritório Exterior / Defesa do Alto-Comando da *Wehrmacht*".

4 OPERAÇÃO *BARBAROSSA*

A invasão da União Soviética pelas forças alemãs na Segunda Guerra Mundial permanece até hoje como a maior operação militar de todos os tempos. Seus eventos sacramentaram, segundo a hipótese defendida nesse trabalho, a derrota alemã, pelo menos nos termos em que Hitler pretendia vencer a guerra. A Batalha de Moscou pode ser considerada, desta feita, o ponto de inflexão do conflito, e a heroica vitória soviética naquele ano contou com graves equívocos estratégicos na condução das operações alemãs.

4.1 Planejamento iniciais: primeiros conflitos sobre o objetivo da operação

O plano de invasão da URSS passou, desde o começo, por diversas discussões e modificações, culminando na versão do ataque em três frentes. A ausência de um foco operacional seria o seu "calcanhar de Aquiles".

Depois de inúmeras alterações desde a concepção inicial, o planejamento passou ao General Friedrich Paulus, então na Seção de Operações do OKH⁴, que, preocupado com a carência de boas estradas na Ucrânia, decidiu mudar o foco da investida, que agora seria Moscou, com uma breve interrupção em Smolensk, com o objetivo de possibilitar a reorganização logística (KEEGAN, 1974).

Hitler discordou deste plano e acabou preferindo um esquema ofensivo mais amplo, a partir do qual as operações prosseguissem ininterruptamente. Para ele, a guerra na Rússia deveria terminar em uma única campanha, antes do inverno. Assim diz a Diretriz nº 21, chamada Operação *Barbarossa*, de 18 de dezembro de 1940:

As forças alemãs devem estar preparadas para *esmagar a União Soviética numa campanha rápida*, mesmo antes da conclusão da guerra contra a Inglaterra. Para este propósito, o exército deverá empregar todas as unidades disponíveis, com a reserva de que os territórios ocupados precisam ser garantidos contra ataques de surpresa [...] Os preparativos [...] deverão estar ultimados lá pelo dia 15 de maio de 1941. Tem-se que exercer grande

⁴ *Oberkommando des Heeres*, Alto-Comando do Exército alemão.

cautela para que essa intenção de atacar não seja descoberta [...] A massa do Exército Russo, na Rússia ocidental, deverá ser destruída em operações ousadas, por meio da penetração de profundas cunhas blindadas, e a retirada de unidades intactas e capazes de batalhar na imensidão do território soviético deverá ser impedida. O objetivo final da operação é estabelecer uma linha de defesa contra a Rússia asiática, a partir de uma linha que corra do rio Volga a Arcangel (SHIRER, 1962, p. 284. Grifos no original).

Em lugar de recomendar a concentração principal do esforço ao longo do eixo Minsk-Smolensk, a estrada para Moscou, como defendia o Alto-Comando do Exército, o OKW determinava que o esforço fosse dividido em três grupos dirigidos respectivamente contra Leningrado, ao norte, Kiev, ao sul, e contra Moscou, no centro do dispositivo, e fixou que seus três grupos deviam manter contato permanente entre si nos flancos, avançando em linha. "(Hitler) temia que ao tentar chegar à cidade (Moscou), os generais permitissem um avanço frontal, que simplesmente faria os russos recuarem." (LEACH, 1974, p. 103).

Ou seja, após as batalhas iniciais, Hitler esperava arremeter com intensidade para o norte, a fim de assegurar a captura de Leningrado, e para o sul, visando os objetivos econômicos que tanto lhe seduziam na URSS (o petróleo do Cáucaso e os campos de cereais da Ucrânia).

Essa diretriz estratégica levava em conta que enormes contingentes do Exército Vermelho estavam dispostos para a defesa do sul da URSS, região rica em recursos vitais para a economia soviética, ao mesmo tempo em que de posse de tais recursos, pensou Hitler, a Alemanha poderia sustentar melhor o restante da campanha. Desse raciocínio começava a nascer o grande equívoco de Hitler na guerra.

4.2 O Ataque

Os alemães começaram o seu avanço encontrando pouca resistência considerável. Muitas unidades russas, pegadas de surpresa, lutavam desesperadamente enquanto forças alemãs as cercavam. O dispositivo do plano alemão funcionou muito bem durante esses primeiros estágios da *Barbarossa*. As tropas russas, em sua maioria, resistiam exatamente onde se encontravam, reticentes em recuar e sofrerem o tipo de punição característica aplicada aos acusados de covardia por Stálin.

Isso era exatamente o que os alemães precisavam: cercá-las e destruí-las o mais perto possível da fronteira. O OKH temia, desde o início, que os russos se retirassem, o que legaria à *Wehrmacht*⁵ a mesma experiência enfrentada por Napoleão em 1812, ou seja: ser tragada para a batalha dentro da imensidão da Rússia, onde as dificuldades logísticas poderiam fazer diferença a favor dos defensores.

Apesar dos problemas, a resistência dos soldados soviéticos acentuava-se a cada dia e inúmeros contra-ataques foram organizados contra os alemães. Porém, a maioria dessas iniciativas se mostrou infrutífera em razão da confusão e do despreparo do sistema defensivo nesses primeiros estágios da batalha.

Sem comunicação eficaz, cobertura aérea, apoio logístico e suficientes tanques modernos, esse esforço foi condenado ao fracasso desde início. Os comandantes soviéticos se defrontaram com a resposta alemã padrão aos contra-ataques mecanizados; as unidades alemãs de vanguarda recuaram rapidamente, atraindo os tanques inimigos para a mira de canhões antitanque que sempre seguiam imediatamente atrás da vanguarda (GLANZ & HOUSE, 2009, p. 72).

Assim, com pouca dificuldade, os alemães prosseguiram, e a primeira fase da campanha terminou com um sucesso praticamente absoluto. A *Luftwaffe*⁶ destruiu grande quantidade de aviões da Força Aérea Vermelha em terra⁷ e quando encontrava oposição no ar, causava pesadas baixas aos russos.

No início de julho, teve início o avanço para Smolensk, primeiramente organizado como uma operação blindada, com o 2º *Panzergruppe*⁸, do General Heinz Guderian, em marcha pela principal rodovia Minsk-Smolensk. No dia 10 de julho, uma semana depois de iniciada a operação, as unidades de Guderian conseguiram alcançar seus objetivos.

⁵ Forças Armadas alemãs.

⁶ Força Aérea alemã.

⁷ A infeliz ordem de Stálin, anterior ao ataque, para que suas tropas não ameaçassem de nenhuma forma as incursões aéreas alemãs sobre o território soviético em muito contribuiu para esse enorme massacre da Força Aérea Vermelha. Mais de 1.200 aviões russos foram destruídos já no primeiro dia de ataque.

⁸ Grupo Blindado.

Ao saber da queda de Smolensk, o Alto-Comando soviético chegou a discutir sobre a possibilidade de rendição. Segundo John Lukacs, o temido Beria, Chefe da NKVD⁹, chegou a iniciar conversas com Ivan Stamenov, ministro búlgaro em Moscou, a fim de sondar os alemães quanto aos termos de uma rendição.

Parece que Beria (e provavelmente outros também) estava imaginando um gesto desesperado que repetisse Brest-Litovsk [...] Não podemos garantir que Stálin (e Molotov) soubesse da tentativa de Beria [...] Mas não se pode duvidar de que a potencial consideração de um Brest-Litovsk também tivesse lugar em suas mentes (LUKACS, 2006, pp. 106, 107).

O fracasso das suas defesas avançadas havia gerado entre Stálin e a liderança russa momentos de notável derrotismo. Diante da iminência do colapso, algo precisava ser feito. Além de incontáveis fuzilamentos, inclusive de generais, Stálin e o STAVKA¹⁰ estabeleceram, a 10 de julho, uma nova estrutura de comando, que, no entanto, surtiu pouco efeito imediato. As forças russas continuavam com suas carências fundamentais em relação a seu inimigo: a inexperiência e a inferioridade de comando tático e operacional, onde a grande liberdade e capacidade de iniciativa do oficial alemão superavam um inimigo lento, lutando imerso em puro caos e quase sempre incapaz de agir sem ordens superiores.

Em meados de julho, as baixas russas haviam atingido proporções espantosas. Mais de 3.000 aviões destruídos; das 164 divisões identificadas, o OKH afirmava ter destruído 89. Apenas na batalha do bolsão de Smolensk, as forças do Marechal de Campo Fedor von Bock (comandante do Grupo de Exércitos Centro alemão, cujo objetivo era Moscou) fizeram mais de 310.000 prisioneiros, tomando 3.200 tanques e 3.100 canhões, aproximadamente. O total de baixas do Exército Vermelho passava de três milhões de homens (GIBELLI, 1966, vol. 2, p. 20).

⁹ A polícia secreta soviética.

¹⁰ O STAVKA, chefiado por Stálin, era o Alto Comando soviético, órgão análogo ao OKW.

43 Decisões fatais

No dia 8 de julho, Hitler falou ao OKH sobre sua preferência em capturar a Ucrânia em lugar de Moscou, em função dos resultados econômicos conseqüentes a tal êxito, e provocou muita polêmica entre seus comandantes. Essa decisão, embora estivesse em consonância com as idéias gerais de Hitler sobre o avanço desde o início, envolvia uma inversão das prioridades estratégicas estipuladas pela Diretiva nº 21, que prescrevia a destruição do Exército Vermelho como seu primeiro objetivo, a tomada de Leningrado e a costa do Báltico como objetivo nº 2, vindo Moscou em terceiro lugar, a menos que circunstâncias formidáveis possibilitassem a montagem de operações simultâneas dirigidas contra duas cidades ao mesmo tempo. De qualquer modo, a Ucrânia, só depois de tudo isso realizado, é que seria visada (HART, 1973, p. 228).

Os principais generais envolvidos nas operações dos três grupos de exércitos reagiram com preocupação a esta ordem, que resultaria em grande perda de tempo na captura de Moscou. Muitas discussões foram travadas entre Hitler, o Estado-Maior do Exército e os comandantes na Rússia. Os generais empenhados no *front* foram todos unânimes em afirmar a importância de se marchar contra Moscou o quanto antes, a fim de precipitar uma batalha final contra as forças russas, mas nenhum deles conseguiu, ao final, persuadir Hitler. Segundo Lukacs (2009), Hitler encontrou-se separadamente com os dez principais comandantes da campanha na URSS – sem que cada um deles fosse previamente informado e pudesse influenciar os demais – e ouviu, de cada um, a mesma opinião: Moscou deveria ser o objetivo imediato, a fim de forçar o Exército Vermelho à batalha decisiva.

Na verdade, o problema estava no entendimento sobre o objetivo principal. Para os generais alemães, era fundamental buscar a batalha decisiva, que pudesse debilitar definitivamente o inimigo. Essa batalha deveria ser buscada, pois, em torno do centro de gravidade inimigo. Esse centro de gravidade, como pensavam corretamente os generais alemães no calor do momento (orientados pela mais pura estratégia clausewitziana), era Moscou.

Hitler, apesar de, em um primeiro momento, considerar fundamental a destruição do Exército Vermelho, demonstrou não compreender o que isso realmente significava naquele momento. Ele decidiu agir em dois sentidos, entendendo que o ponto fraco decisivo do inimigo eram seus recursos. Assim, considerou prioritário tomá-los, fortalecendo o esforço alemão, e, conseqüentemente, destruindo o principal da força soviética, que, segundo essa concepção, seria empenhada para defendê-los. Essa foi a falha de percepção que o levou a fracassar.

Jodl apelou ao *Führer* na linguagem de Clausewitz, salientando que preferia o ataque a Moscou não porque fosse a capital soviética, mas simplesmente porque os russos empregariam seus últimos recursos para defendê-la. Por conseguinte, os alemães estariam sustentando o alvo declarado de Hitler na URSS, isto é, o de destruir o Exército Vermelho, ao invés de perseguir somente as outras inúmeras aquisições políticas ou econômicas [...] Em 28-29 de julho Hitler respondeu a Jodl que seu novo objetivo econômico de destruir a base de armamentos soviéticos na Ucrânia Oriental era então mais importante que a destruição do Exército Vermelho (HIGGINS, 1966, p. 147).

A esta altura, Von Bock, o comandante da força central alemã, ainda estava a 350 km da capital russa. Os comandantes alemães começavam a sentir que a destruição do Exército soviético estava se tornando tarefa mais complicada do que se imaginava, e a *Wehrmacht* aproximava-se cada vez mais do ponto culminante de seu ataque.

Apesar da argumentação de Hitler sobre as forças soviéticas dispostas ao sul, a principal concentração de forças russas continuava sendo a da frente central, comandada pelo Marechal Timoshenko (STOLFI, 1992). Hitler explicou aos seus generais a vantagem econômica que via na captura da região industrial meridional desde Kiev até Kharkov, e de neutralizar a Criméia, de onde, segundo temia, a Rússia poderia montar ataques aéreos aos campos petrolíferos romenos. Agora, o Exército alemão iria engajar-se em grandes batalhas ao sul, e cercar a cidade de Leningrado, ao norte.

O rebatizado 2º *Panzerarmee*¹¹ (antigo *panzegruppe* de Guderian) mergulhou fundo na Ucrânia para realizar operações que fariam história como alguns dos maiores feitos militares de todos os tempos, embora fossem pouco conclusivas para com os objetivos da campanha, já que as tropas alemãs estavam exaurindo-se e atrasando o ataque contra Moscou. A conquista da Ucrânia foi empreendida com enorme sucesso. O Grupo de Exércitos do Marechal de Campo Gerd von Rundstedt realizou a captura histórica de quase 665.000 prisioneiros nas operações de combate ao redor da capital ucraniana. “A União Soviética estava à beira de um colapso” (LUKACS, 1976, p. 169).

Agora, as forças alemãs estavam, finalmente, voltadas para seu principal objetivo: deviam tomar Moscou. Faltava pouco mais de um mês para o inverno, e o desgaste material e físico das tropas alemãs atingia níveis que desafiavam sua renomada capacidade operacional. Como logo perceberam os generais e tropas do Terceiro Reich, a União Soviética não fora liquidada pelas grandes batalhas na Ucrânia, e fortes contingentes da Sibéria estavam sendo deslocados para Moscou, devidamente equipados e especializados no tipo de combate a ser travado. Com sua capacidade operacional reduzida drasticamente pelo desgaste provocado por uma campanha sem foco, com desvios de objetivo que representavam centenas de quilômetros a serem marchados por homens, animais e viaturas entre as idas e vindas de uma frente para a outra, o Exército alemão rumou para Moscou com pouco mais do que a vontade de vencer uma batalha que já estava perdida. A oportunidade havia passado e o mundo lucrou com essa primeira e decisiva derrota de Hitler.

5 OPORTUNIDADES PERDIDAS

As decisões de Hitler na campanha da Rússia, muito discutidas até hoje, sem dúvida merecem a mais elevada atenção da parte de especialistas e estrategistas. Mas, afinal, era possível à *Wehrmacht* conquistar a URSS em 1941? Essa questão permanecerá para sempre no campo das hipóteses. O que este artigo almeja é defender que a melhor oportunidade que esteve ao alcance dos alemães para tentar a sorte na campanha da Rússia foi em 1941, e para realiza-la, as forças de Hitler precisavam ter se lançado contra Moscou no momento certo.

¹¹ 2º Exército Blindado.

A despeito de tudo que se possa levar em consideração para entender as dificuldades das Forças Armadas alemãs nessa luta, devemos atentar em primeiro lugar para a orientação que lhes conduziu. Hitler contava em 1941 com o melhor aparato militar terrestre do mundo e seu corpo de oficiais era o mais competente e bem treinado para o combate, algo que as incríveis vitórias contra quase toda a Europa atestam sem muita dificuldade. Assim escreveu John Lukacs:

O que raramente consideramos é que, em 1941, [Hitler] esteve muito perto de vencer a guerra. A 22 de junho ele avançou com três quartos do seu poderoso exército pela imensidão desolada das terras soviéticas [...] tendo feito em uma semana o que o Exército Imperial alemão levou três anos para fazer, durante a Primeira Guerra Mundial (LUKACS, 1976, p. 174).

Durante os planejamentos para a *Barbarossa*, o Comandante do Exército alemão, Marechal de Campo Walter von Brauchitsch, amplamente apoiado por seus colegas do OKH, queria que Moscou fosse designada como objetivo fundamental da campanha, o que provocou uma resposta terrível da parte de Hitler: "Somente um cérebro petrificado em concepções fossilizadas pode deixar-se hipnotizar por uma capital inimiga. Moscou é apenas um nome. As cidadelas do bolchevismo são Leningrado e Stalingrado. No momento em que forem conquistadas, o bolchevismo desaparecerá" (KEEGAN, 1974, p. 8).

Essa tendência de Hitler para distorcer a realidade revelar-se-ia o maior desafio dos generais alemães naquela campanha. Em meio aos constantes problemas que seus assessores lhe apresentavam sobre a Frente Oriental, a reação de Hitler quase sempre era a evasão.

Quando discutia com o *Führer* a situação operacional de suas unidades, na conferência de 4 de agosto, que selou a Ucrânia como objetivo principal em detrimento de Moscou, realizada no Quartel General do Grupo de Exércitos Centro, Guderian solicitou medidas de reposição para cumprir a difícil missão de marchar centenas de quilômetros em auxílio às tropas de Rundstedt (ao sul) e voltar a tempo de capturar Moscou antes do inverno.

Reafirmei que os motores dos nossos carros de combate estavam muito desgastados, em consequência da terrível poeira ambiente: necessitavam, assim, ser substituídos com urgência, se é que pretendíamos realizar alguma operação de vulto com meios blindados ainda naquele ano. Era, também, essencial o reabastecimento em carros, o qual teria que sair da produção industrial corrente. Depois de alguns resmungos, e muita hesitação, Hitler prometeu suprir com 300 motores toda a Frente Leste, um número completamente ridículo para os fins em vista. Quanto a novos carros, não iríamos ganhá-los, pois Hitler pretendia retê-los na Alemanha para a formação de novas unidades (GUDERIAN, 1966, p. 217).

As novas unidades às quais Guderian se refere estavam sendo planejadas para operações futuras, seguintes à (dada como certa) vitória na URSS. Essa tendência de Hitler para a distorção da realidade só se acentuaria no decorrer da guerra. Enquanto suas tropas estavam exauridas por um avanço de centenas de quilômetros dentro do território russo, ele, que ainda esperava delas mais de 300 quilômetros de marcha na direção de Kiev e depois para Moscou, sequer era capaz de reconhecer a urgência em tomar medidas indispensáveis pela sua manutenção.

Embora tivesse consciência de que só poderia vencer os russos em uma guerra rápida, Hitler não percebeu os limites de sua janela de oportunidade. Entendê-la e aproveitá-la exigia uma sensibilidade estratégica que se revelou além dele. Embora seus comandantes compreendessem o drama que viviam em julho/agosto daquele ano crucial para a história do século XX, foram incapazes de convencer seu chefe da urgência em torno do ataque a Moscou.

Desta feita, embora tenha estipulado uma campanha rápida, ele tomou decisões que afundaram suas forças em operações de caráter secundário, mas não menos desgastantes, e que comprometeram sobremaneira a capacidade de cumprir a missão que lhes foi dada. Clausewitz teria, provavelmente, reprovado a decisão tomada naquele momento, assim como o fizeram todos os seus discípulos da *Wehrmacht*. Sua obra, como este trabalho tentou demonstrar, atesta isso sem grandes dificuldades.

Apesar da incrível capacidade do Exército alemão, ainda maior, em termos relativos (que é o que verdadeiramente interessa à análise estratégica), se comparada à fragilidade em que se encontrava o Exército Vermelho no início de 1941, deve-se pontuar que a conquista da URSS em muito diferia das campanhas até então empreendidas pela máquina de guerra alemã. Marcado por imensidões, condições ruins de mobilidade e clima com duas estações terríveis para o invasor, o território russo parece naturalmente aliado de seus defensores. Sua vastidão, ao mesmo tempo em que oferece muito espaço para manobras, nega aos invasores obstáculos naturais contra os quais possam encurralar e destruir as forças defensoras (como os alemães fizeram, um ano antes, com os Aliados na Mancha¹²).

Não obstante tantas dificuldades, a diferença de qualidade técnica, tática e operacional entre alemães e soviéticos naquele estágio da guerra talvez fosse capaz de decidir a campanha em favor de Hitler mediante um golpe decisivo no momento certo (STOLFI, 1992). Durante os três primeiros meses de luta, essa diferença era acentuada, proporcionando ao Exército alemão uma posição estratégica muito vantajosa para atacar Moscou. Uma ofensiva contra a capital em fins de julho teria grandes chances de interromper a mobilização russa em torno da defesa de Moscou, obrigando o sistema defensivo soviético justamente àquilo que vinha o condenando à catástrofe desde a fronteira: combater em apuros.

Esse era, inclusive, o objetivo central da *Blitzkrieg*, arte na qual os alemães eram mestres: atacar ininterruptamente, fazendo uso de intensa combinação de armas, de modo a não dar chance ao inimigo para se defender. A doutrina alemã visava não só impor desgaste físico e material ao inimigo, mas também grande desgaste psicológico, paralisando o sistema nervoso de seu dispositivo defensivo. Agora, porém, a *Wehrmacht* estava condenada, após o desgaste imputado pelas digressões ao longo da campanha, a travar uma batalha em péssimas condições, contra uma defesa em profundidade e bem preparada, o antídoto para a *Blitzkrieg*.

¹² Muito embora o Exército alemão tenha perdido a oportunidade de destruir a força britânica naquela ocasião devido à polêmica ordem de Hitler para deter o avanço sobre Dunquerque.

Clausewitz afirma que na guerra o fundamental é a destruição do inimigo. A captura da Ucrânia, repleta de recursos desejados por Hitler, mostrar-se-ia efêmera com o passar do tempo, na medida em que o inimigo, ansioso por vingança e com moral se elevando, logo poderia lutar por ela novamente. Hitler deixou-se levar por objetivos secundários, pensando na manutenção de sua máquina de guerra e concluindo o mesmo sobre Stálin. Para este, no entanto, Moscou era o principal objetivo a ser defendido, e assegurá-lo lhe valeu, quatro anos mais tarde, a faraônica entrada de Zhukov e Koniev em Berlim.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conquista da Ucrânia, além do desgaste adicional outorgado às forças alemãs, ofereceu aos russos a oportunidade que até então lhes havia sido negada, isto é, a chance de se reorganizarem em torno da batalha decisiva da campanha, que poderia reverter um quadro aparentemente desolador. Hitler deu-lhes essa oportunidade, e tudo que recebeu em troca foram pouco mais de dois anos usufruindo dos recursos do território ucraniano. Sem dúvida, um péssimo negócio.

Hitler decidiu, provavelmente, muito influenciado pelo otimismo resultante dos relatórios que recebia sobre os números da guerra. Mas, enquanto o Exército alemão destruía divisões russas às dezenas, novas eram deslocadas para o campo de batalha, em um ritmo que não fora previsto pelo serviço de informações alemão. O potencial de sobrevivência do Exército Vermelho era muito maior do que previra a inteligência alemã e, apesar do otimismo com o qual os generais alemães começaram a campanha, em pouco tempo eles (que, diferentemente de Hitler em sua sala de mapas, presenciavam as terríveis realidades daquela guerra) sentiam a urgência de agir decisivamente, antes que os russos endurecessem com as lições aprendidas e que o desgaste material e físico, aliado às estações do outono e inverno que se desenhavam no horizonte, imobilizassem o avanço de suas tropas. Ou seja, antes que a "janela" fechasse.

Hitler agiu rápido quando decidiu atacar a tempo de aproveitar a oportunidade de derrotar um Exército Vermelho enfraquecido e desorganizado em junho de 1941 (circunstância que, certamente, não se prolongaria por muito tempo). Um mês depois, porém, jogou

essa chance fora ao não atentar mais seriamente para os problemas inerentes àquela campanha, resumidos a todo instante pelos alertas de seus generais. Assim como faltou a ele a perspicácia para reconhecer o verdadeiro ponto fraco do dispositivo soviético, em torno do qual o Exército alemão poderia dar o golpe final nas forças de Stálin, como desejavam ansiosamente os generais alemães. Mas, orientado por uma compreensão distorcida da realidade e da estratégia, Hitler lançou suas tropas em operações que careciam de foco, e quando finalmente autorizou o avanço sobre Moscou, as circunstâncias já não eram favoráveis. Isso custou aos alemães a sua melhor chance de vitória em 1941 e, conseqüentemente, na guerra, uma vez que as perdas irrecuperáveis daquele ano, somadas à renovação do moral soviético com a derrota alemã às portas de Moscou e às lições aprendidas pelo Exército Vermelho naquele ano, tornariam impossível para a *Wehrmacht*, nos anos seguintes, aquilo que talvez estivesse ao seu alcance em 1941.

A Batalha de Moscou, última iniciativa relevante e potencial da *Wehrmacht* para ganhar a guerra, foi lançada em outubro por forças exaustas contra um sistema de defesas que teve meses para se preparar. Conseqüentemente, os alemães pouco puderam ameaçar a capital soviética. Essa derrota, para além de representar apenas uma batalha perdida, detinha um significado muito mais amplo. A ofensiva de inverno do Exército Vermelho era o prenúncio de novos tempos, em que o mundo, àquela altura acostumado à idéia da invencibilidade nazista, passaria, ainda que a princípio timidamente, à contagem regressiva para a queda de Hitler e do Nacional-Socialismo. A partir de dezembro de 1941, o povo alemão, habituado com vitórias rápidas, teria que se adaptar a uma guerra que levaria seu país à destruição.¹³ Depois de Moscou, a porta para a vitória Aliada estava definitivamente aberta.

¹³ A "Guerra Total", no entanto, só seria decretada por Hitler após Stalingrado.

REFERÊNCIAS

ALVES, J. V. Portella F. *Os Blindados Através dos Séculos*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1964.

BARNETT, Correlli. *Os Generais de Hitler*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 1990.

BAYLIS, John; WIRTZ, James; COHEN, Eliot & GRAY, Colin (orgs), *Strategy in the Contemporary World*. New York: Oxford, 2010.

BRISAUD, André. *Canaris – O Príncipe da Espionagem Alemã*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1978.

CARTIER, Raymond. *A Segunda Guerra Mundial*. Editora Larousse do Brasil – Paris: Match, 1967.

CHANEY, Otto Preston. *Zhukov – Marechal da União Soviética*. Rio de Janeiro: Renes, 1974.

CHURCHILL, Winston S. *Memórias da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1995.

CITINO, Roberto M. *Blitzkrieg to Desert Storm: The Evolution of Operacional Warfare*. University Press of Kansas, 2004.

CLAUSEWITZ, Carl von. *Da Guerra*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

CHURCHILL, Winston S. *Memórias da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Nova fronteira, 1995.

COHEN, Eliot. *Technology and Warfare*. In: BAYLIS, John; WIRTZ, James;

COHEN, Eliot & GRAY, Colin (orgs), *Strategy in the Contemporary World*. New York: Oxford, 2010.

DAVIES, Norman. *A Europa na Guerra – Uma Vitória Nada Simples*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2009.

FERRO, Marc. *História da Primeira Guerra Mundial*, Rio de Janeiro: Edições 70, 1969.

- FEST, Joachim. *Hitler*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2006.
- FRY, Michael; SIBLEY, Roger. *Rommel*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1976.
- FULLER, J. F. C. *A Conduta da Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2002.
- GALVÃO, Álvaro. *As Grandes Decisões Estratégicas*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1977.
- GAULLE, Charles De. *Memórias de Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979.
- _____. *Por um Exército Profissional*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1996.
- GEYER, Michael. *Estratégia Alemã na Era das Maquinas de Guerra: 1914-1945*. In:
- PARET, Peter. (org.) *Construtores da Estratégia Moderna. Tomo 2*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 2003.
- GIBELLI, Nicolas J. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Editora Codex LMTDA., 1966.
- GLANTZ, David M. e HOUSE. Jonathan, *Confronto de Titãs – Como o Exército Vermelho Deteve Hitler*. São Paulo: C&R Editorial, 2009.
- GOLDENSOHN, Leon. *As entrevistas de Nuremberg*. São Paulo: Editora Companhia das letras, 2004.
- GUDERIAN, Heinz. *Panzer Líder*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1966.
- HART, Liddell. *O Outro Lado da Colina*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1973.
- HERBERG-ROTHER, Andreas. *Clausewitz's Puzzle: The Political Theory of War*. Oxford University Press, 2007.
- HIGGINS, Trumbull. *Hitler e a Rússia – O Terceiro Reich Numa Guerra de Duas Frentes, 1937/1943*. São Paulo: Ibrasa S.A., 1969.

KEEGAN, John. *Barbarossa – A Invasão da Rússia*. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1974.

KERSHAW, Ian. *Dez Decisões Que Mudaram o Mundo – 1940-1941*. São Paulo: Editora Companhia das Letras, 2007.

KREIPE, Werner; BLUMENTRITT, Günther; BAYERLEIN, Fritz; ZEITZLER, Kur;

ZIMMERMAN, Bodo & MANTEUFFEL, Hasso von. *Decisões Fatais*. São Paulo: Livraria Expressão do Livro.

LEACH, Barry. *Estado-Maior alemão*. Rio de Janeiro: Editora Renes, 1974.

LUKACS, John. *A Última Guerra Européia – Setembro de 1939 – Dezembro de 1941*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1976.

. *Junho de 1941: Hitler e Stálin*. Rio de Janeiro: Editora Jorge Zahar, 2006.

RONDIÈRE, Pierre. *Stálin e a Invasão da Rússia*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1967.

SHIRER, William L. *Ascensão e Queda do III Reich*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A., 1962.

STOLFI, R. H. S. *Hitler's Panzers East – World War II Reinterpreted*. University of Oklahoma Press, 1992.

Artigos

REES, Laurence. "What was the Turning Point of the World War II" in *World War II* Leesburg, Primedia, v 25, nº 2, jul/ago 2010, p.28-37.